

CONHECIMENTO PARA O “TEMPO DO INÚTIL” – REFLEXÕES PARA O CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA...*

Ricardo Rezer¹

rrazer@unochapeco.edu.br.

Antônio Camilo Cunha²

camilo@ie.uminho.pt

¹Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECO)

²Universidade do Minho, Braga, Portugal

RESUMO

Este texto tem por objetivo refletir sobre a Educação Física (EF) enquanto campo do conhecimento com responsabilidades de uma formação para o “tempo do inútil”. Ao longo do texto, procuramos demonstrar que, em tempos de utilitarismo, reconhecer a importância de uma formação para o “tempo do inútil” representaria uma virada paradigmática para a EF, especialmente nos contextos escolar e universitário, com desdobramentos significativos para outros contextos deste campo.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Física; Conhecimento; Tempo do Inútil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em tempos nos quais os saberes do mundo são categorizados em “úteis” e “inúteis”, na lógica de uma globalização neoliberal¹, os primeiros prevalecem e instituem a “lei do valor”. Se conhecimentos “úteis” são necessários para a vida, cabe examinar melhor a lógica que os coloca nesta condição – bem como, o que fica de fora desta lógica, que vem a tempos, colonizando muitos setores da sociedade, entre eles, campos do conhecimento como a Educação Física (EF).

Na contramão desta “tendência” contemporânea, o objetivo deste texto é refletir sobre a EF enquanto campo do conhecimento com responsabilidades de uma formação para o “tempo do inútil”.

Partimos do pressuposto de que cabe refletir mais e melhor acerca das múltiplas dimensões de conhecimentos que constituem a vida humana, que se edifica também, por experiências para além da

* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

¹ A globalização neoliberal corresponde a um novo regime de acumulação do capital, um regime mais intensamente globalizado que os anteriores, que visa, por um lado, *dessocializar* o capital, libertando-o dos vínculos sociais e políticos que no passado garantiram alguma distribuição social e, por outro lado, submeter a sociedade no seu todo à “lei do valor”, no pressuposto de que toda atividade social é mais bem organizada quando organizada sob a forma de mercado. A consequência principal desta dupla transformação é a distribuição extremamente desigual dos custos e das oportunidades produzidos pela globalização neoliberal no interior do sistema mundial, residindo aí a razão do aumento exponencial das desigualdades sociais entre países ricos e países pobres e entre ricos e pobres no interior do mesmo país. (SOUSA SANTOS, 2002).



lógica do lucro e da utilidade. Assim, cabe aprofundar sobre a dimensão da “inutilidade” do conhecimento, dimensão também necessária para um bem viver. Se o lucro e a utilidade não esgotam nossas possibilidades de mundo, onde aprendemos então, sobre conhecimentos “inúteis”? Como um campo do conhecimento como a EF vem tratando (ou poderia tratar) a questão do “inútil”, quer seja na escola (educação básica) ou na universidade (formação)?

A seguir, apresentaremos argumentos que se propõe a trabalhar com estas questões, bem como, sustentar, de maneira introdutória, uma concepção de EF como espaço e tempo de uma formação que nos aproxime de um conhecimento para o “tempo do inútil”, dimensão imprescindível para a vida humana.

EDUCAÇÃO FÍSICA COMO POSSIBILIDADE PARA A FORMAÇÃO DE UMA CULTURA PARA O “TEMPO DO INÚTIL”...

Efectivamente, no universo do utilitarismo um martelo vale mais do que uma sinfonia, uma faca mais do que um poema, uma chave inglesa mais do que um quadro, porque é fácil perceber a eficiência de um utensílio e cada vez mais difícil compreender para que servem a música, a literatura ou a arte. (ORDINE, 2016, p. 11).

A epígrafe expressa bem o ponto de partida deste breve texto. Porém, há de se pensar mais e melhor sobre os condicionantes que classificam determinados conhecimentos como “úteis” ou “inúteis”. No caso em tela, a ideia de “inútil” (doravante utilizada sem aspas) com a qual trabalhamos, parte, em boa medida (mas não só), dos argumentos de Nuccio Ordine, professor da Universidade da Calábria (ITA), que vem dedicando seu trabalho a examinar com cuidado este tema. Em sua obra “A utilidade do inútil – um manifesto” (2013), ele procura demonstrar que, se deixarmos a dimensão gratuita morrer, se renunciarmos à força geradora do inútil, se escutarmos unicamente o mortífero canto das sereias que nos impele a perseguir o lucro, somente seremos capazes de produzir uma coletividade doente e sem memória que, perdida, acabará perdendo o sentido de si mesma e da própria vida. “E então, quando a desertificação do espírito nos fizer murchar, será realmente difícil imaginar que o insipiente *Homo sapiens* ainda poderá ter um papel para tornar a humanidade mais humana” (p. 27).

Assim, há de se revisar criticamente os sentidos de utilidade e inutilidade com a qual trabalhamos na contemporaneidade, como forma de ressignificar seu uso e seus desdobramentos na vida cotidiana, especialmente em campos do conhecimento como a EF. Concordando com Ordine (2016), se útil é tudo aquilo que nos ajuda a Ser melhor, vale a pena investir na natureza inútil, gratuita e desinteressada do conhecimento, uma potência que pode nos tornar mais livres, mais tolerantes e mais humanos.

Obstante a isso, quando o trabalho coloniza a vida com radicalidade, ele se institui como leitura de mundo com pretensões de exclusividade, o que afasta dimensões estranhas a ele. E isso impacta decisivamente na forma de pensar a lógica “oficial” da EF na contemporaneidade que, via de regra, se volta para discursos, temas e conteúdos que comprovem sua *serventia*. Por exemplo, quando a EF é questionada sobre sua legitimidade ou legalidade como disciplina curricular na educação básica, argumentos fortes veiculados por setores do próprio campo procuram justificá-la como uma disciplina que pode combater o sedentarismo, por consequência a obesidade, levando os alunos a adotarem um estilo de vida ativo, além de contribuir com a massificação do esporte, entre outros. Argumentos desta ordem passam a ser um problema, na medida em que instituem e definem a EF exclusivamente a partir de sua dimensão utilitária, desconsiderando a imensa potência que ela possui na formação de uma cultura para o tempo do inútil – conhecimento sobre jogo, dança, ginástica, entre outros, representa uma potência que permite qualificar a dimensão humana do tempo de não trabalho.

Na formação universitária, podemos perceber que, via de regra, a justificativa para definir o grau de importância das disciplinas se dá na medida em que o conhecimento por elas abordado se sustenta na sua utilidade (por exemplo, para o mercado de trabalho). Derivado disso, alguns conhecimentos recebem



maior atenção, *status* e espaço nos currículos da EF e os que não se articulam diretamente a esta lógica, são considerados inúteis, “menores”, “periféricos”. Lembrando Sousa Santos (2011, p. 1), os critérios de mercantilização vão reduzindo o valor das diferentes áreas de conhecimento ao seu preço de mercado, a tal nível que “[...] o latim, a poesia ou a filosofia só serão mantidos se algum *macdonald* informático vir neles utilidade”.

Por tais elementos, urge revitalizar a importância de conhecimentos que no contemporâneo são compreendidos como “menores”, o que permitiria enfrentar o aparente “menosprezo” ou barateamento de campos como EF, literatura, música, artes, entre outras dimensões do conhecimento que permitem qualificar a existência humana através, exatamente, de sua inutilidade.

Na EF, campo que trata diretamente da cultura corporal de movimento, já no início dos anos de 1990, trabalhos como os de Kunz (1991), Bracht (1992), Santin (1993), entre outros, sinalizavam que a utilidade da EF advém do seu caráter inútil, próxima de uma arte ou sabedoria do bem viver. Ou seja, desenvolver dimensões humanas para além do tempo (útil) de trabalho, aspecto importante para a formação, alça a EF, enquanto campo do conhecimento, a um patamar de significativa importância, pois reafirma sua responsabilidade de ensinar a qualificar a compreensão de diferentes práticas corporais que podem ser cultivadas ao longo da vida (ginástica, dança, jogo, entre outros).

Talvez aí resida uma finalidade imprescindível da EF que potencializaria uma virada paradigmática em seu interior: assumir radicalmente sua condição de campo que também forma para o tempo do inútil, como forma de resistência frente a barbárie do lucro, possibilitando compreender e experimentar a cultura corporal de movimento como dimensão inerente a um bem viver, ao longo da vida, para além da lógica do utilitarismo. Se cabe considerar que a EF pode potencializar a funcionalidade corporal humana (o que não é, em si, um problema), cabe reconhecer também, que as possibilidades da experiência corporal como possibilidade de vida são para muito além da utilidade, pois representa a possibilidade de aquisição e produção de conhecimentos inúteis e não quantificáveis sobre nós mesmos e nossa relação com os outros e com o mundo. Desta forma, teríamos mais facilidade em reconhecer a utilidade inútil da EF como característica teleológica do campo, com desdobramentos significativos para as distintas epistemologias que transitam em seu interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de se tornar ciência, antes de constituir-se em profissão liberal, a educação física é uma sabedoria de viver, uma exigência pessoal e existencial, isto é, uma tarefa educativa (SANTIN, 1993, p. 70).

Levar a sério os argumentos de Santin, expressos na epígrafe, permite pensar que a EF, antes do saber científico, do trabalho produtivo, tem um compromisso com a complexidade da vida. Assim sendo, os argumentos brevemente apresentados neste texto permitem compreender melhor uma finalidade imprescindível da EF: possibilitar compreender e experimentar a cultura corporal de movimento, tendo em vistas a formação de uma cultura para o tempo do inútil como possibilidade inerente a um bem viver.

E, jogar, correr, dançar, conhecer o próprio corpo, entre outros, representam conhecimentos fundamentais para qualificar as possibilidades de um bem viver, para além do lucro e da utilidade. E isso pode ser contemplado, potencializado, sentido e vivido na EF, por mais óbvio que seja – Nietzsche já afirmou que o óbvio é o mais difícil de ser conhecido.

Tais argumentos poderiam se constituir como referenciais introdutórios para uma discussão mais alargada na EF (tanto na escola como na formação universitária), o que representaria uma “virada” na constituição do campo, enquanto disciplina escolar, campo científico e/ou campo de formação e atuação profissional. Em tempos de utilitarismo, reconhecer a importância da EF como campo que possui responsabilidades significativas para a formação de uma cultura para o “tempo do inútil” representaria uma virada paradigmática



para o campo, especialmente nos contextos escolar e universitário, com desdobramentos significativos para outros contextos.

Mas, se mesmo com os argumentos apresentados, a EF deve se constituir como um campo do conhecimento útil, cabe parafrasear o Romeno Eugéne Ionesco (1909-1994), citado por Ordine (2016): se for absolutamente necessário que a EF (ele se refere a Arte) sirva para alguma coisa, seria também para ensinar as pessoas que existem dimensões da vida que não tem utilidade e, que por isso mesmo, são indispensáveis que existam.

Finalizando, é no “tempo do inútil” que se encontra o “*homo-ludens*”. É no tempo do inútil que podemos radicalizar nosso encontro com o lúdico, uma linguagem que nos torna de fato, seres humanos. É pelo lúdico que o homem se conhece, conhece o outro e conhece o mundo. Portanto, o “tempo do inútil”, constituiu-se como “o tempo mais útil” de todos os tempos para os seres humanos (*homo-mito, homo-cogito, homo-faber, homo-politicus, homo-economicos, homo-technicus*, etc.). É este tempo que faz a síntese do humano e abre portas ao passado, ao presente e ao futuro; onde se encontra a morada originária da imaginação, do sonho, e da utopia; onde os poetas e escritores se dizem e se mostram. É este tempo que não deveria ser esquecido na educação, na escola e na universidade...

KNOWLEDGE FOR THE “USELESS TIME” - REFLECTIONS FOR THE FIELD OF PHYSICAL EDUCATION...

ABSTRACT

This text aims to reflect on Physical Education (PE) as a field of knowledge with responsibilities for formation for the “useless time”. Throughout the text, we tried to demonstrate that, in times of utilitarianism, recognizing the importance of a culture for “useless time” would represent a paradigm change for PE, especially in the school and university, with significant consequences for other contexts in this field.

KEYWORDS: *Physical Education; Knowledge; Useless Time.*

CONOCIMIENTOS PARA EL “TIEMPO DE LO INUTIL” - REFLEXIONES PARA EL CAMPO DE LA EDUCACIÓN FÍSICA...

RESUMEN

Este texto apunta a reflexionar sobre la Educación Física (EF) como un campo del conocimiento con responsabilidades de formación para el “tiempo de lo inútil”. A lo largo del texto, tratamos de demostrar que, en tiempos de utilitarismo, reconocer la importancia de una cultura por “tiempo de lo inútil” representaría un cambio de paradigma para la EF, especialmente en la escuela y la universidad, con consecuencias significativas para otros contextos en este campo.

PALABRAS CLAVES: *Educación Física; Conocimiento; Tiempo de lo Inútil.*

REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- KUNZ, E. *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1991.
- ORDINE, N. A utilidade do inútil – manifesto. Matosinhos (PORT): Kalandraka, 2016.
- SANTIN, S. *Educação Física: outros caminhos*. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 1993.
- SOUSA SANTOS, B. Prefácio. In: Santos, B. S. (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SOUSA SANTOS, B. A encruzilhada da universidade europeia. *Revista Ensino Superior*, 41 - Revista do SNESup: Jul-Ago-Set, 2011.

